

tópicos esclarecedores, com relação ao texto: autenticidade, autoria, edições anteriores, etc.. Vem, ainda, a edição enriquecida de numerosas notas, muitas das quais, segundo o próprio anotador, baseadas nas melhores edições (Koepke, Ravenstein, Huemmerich), e ainda de quatro “anexos” referentes ao Gama, aos seus homens e à própria viagem, de “cartas” elucidativas dos roteiros e de várias ilustrações. Cremos, à vista de tudo isto, que se trata de uma edição por assim dizer definitiva do importante códice.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

MORINEAU (Michel). — *Les faux-semblants d'un démarrage économique: agriculture et démographie en France au XVIIIe siècle*. Paris. Armand Colin. 1971. (Cahiers des Annales, n. 30).

“Revolução Agrícola” em França do século XVIII?

A pergunta, de grande atualidade, já fôra sentida e apresentada claramente pelos contemporâneos, mas não passou de uma evidência literária. Fisiocratas; tentativas isoladas de “modernização” agrícola de proprietários esclarecidos; sociedades agrícolas que buscavam paternalisticamente instruir os lavradores; publicações, tôdas estas manifestações demonstram a verdadeira “agromania” que embalou alguns espíritos do século XVIII francês. Mas em relação a ela não faltou o ceticismo e a ironia como por exemplo a de Voltaire:

“Vers l’an 1750, la nation rassasiée de vers, de tragédies, de comédies, d’opéras, de romans, d’histoires romanesques, de réflexions morales plus romanesques encore, de disputes théologiques sur la grâce et les convulsions, se mit enfin à raisonner sur les blés. On oublia même les vignes pour ne parler que du froment et du seigle. On écrivit des choses utiles sur l’agriculture; tout le monde les lut, excepté les laboureurs. On supposa, au sortir de l’opéra-comique, que la France avait prodigieusement du blé à vendre...” (p. 7-8).

Se, a noção de uma revolução na agricultura não fôra unânimemente aceita no próprio século XVIII pelos contemporâneos, ela suscita ainda hoje dúvidas.

Para sair dessa indecisão o Autor propõe o estudo da Agricultura francesa através da evolução dos rendimentos dos cereais (especialmente do trigo) como uma das formas mais garantidas para resolver de vez ao impasse. E que o estudo seja efetuado em bases quantitativas.

“Le recours aux chiffres a, en principe, l’avantage de dissiper les ambiguïtés nées de la littérature” (p. 10).

Emprêsa semelhante vem sendo efetuada por Toutain, Labrousse, Le Roy Ladurie, Meuvret, Slicher van Bath. O Autor critica a metodologia empregada por

êste último especialista de recorrer à médias nacionais da produtividade agrícola, incertas por várias razões particularmente devido às dificuldades de fontes comparáveis. Impõe-se, então, a pesquisa à partir dos quadros regionais. Esta será a preocupação do Autor e o método de trabalho de sua obra.

“Un chiffre unique pour la France n'a jamais, comme de nos jours, qu'une signification conventionnelle, quelle que soit sa correction statistique. Il masque le divorce des régions avancées, dynamiques et des régions retardataires” (p. 13).

Um estudo crítico e exaustivo das fontes utilizadas é apresentado. O corpo documental é constituído de testemunhos diretos e indiretos sôbre os rendimentos agrícolas, de estimativas feitas pelos próprios lavradores ou por observadores oficiais ou officiosos, por agrônomos, viajantes e outros.

A conduta escolhida sendo a da análise do rendimento agrícola regional, o Autor passa a estudá-lo, região por região, comparando sempre e para cada unidade os resultados que êle próprio obteve com os de especialistas atuais e com os testemunhos de contemporâneos. As variáveis consideradas na análise são em geral, os rendimentos por semente, por hectare e a introdução de culturas novas. Verdadeira *promenade* agrícola pela França setecentista. Mas o Autor não trabalha com outras variáveis, essenciais a nosso vêr, dentro da problemática escolhida, como o tamanho e a evolução da propriedade, as inovações tecnológicas eventualmente introduzidas nos campos, os investimentos e sua origem aplicados na Agricultura.

Nota-se que o Autor trabalha mais de forma qualitativa que quantitativa. Seus quadros, seus cálculos, seus gráficos quase entram no texto como ilustração do mesmo e não como parte básica central. Suas análises e conclusões deixam o leitor na insegurança sôbre a existência ou não de mudanças estruturais marcantes, “revolucionárias”, na produtividade agrícola francesa do século XVIII. O próprio Autor é cauteloso sôbre a validade do critério adotado — o dos rendimentos — para responder sua pergunta constante:

“Mais le choix du critère était-il judicieux? Les vrais progrès n'auraient-ils pas été enregistrer ailleurs?” (p. 68).

O verdadeiro aumento da produtividade agrícola só se deu em França, diz-nos Morineau, após os anos de 1830-1840, embora em muitos Departamentos as inovações foram realizadas após fortes resistências. Enfim

“... nous avançons que, pour la France, la révolution agricole n'eut pas lieu au XVIIIe siècle si on l'envisage sous l'angle d'un essor des deux grands secteurs de l'économie rurale: les céréales “nobles” et les cheptel” (p. 70).

O problema ainda é o de se saber até que ponto a estagnação dos rendimentos foi apanágio da França e qual a distância que a separava, nêste particular, das outras nações. Por isso, Morineau faz uma comparação entre a Inglaterra de 1789 e a França de 1840 e encontra melhor produtividade agrícola britânica

da ordem de 40 e 50% para o rendimento por hectare, e de 2 pontos par ao rendimento por semente.

Para o Autor a interação causal entre “Revolução Agrícola” e “Revolução Demográfica” é contestada. O crescimento demográfico não acompanhado de modificações nas estruturas profissionais e do re-equilíbrio de subsistências pelas importações de gêneros alimentícios do exterior pode implicar simplesmente na extensão da agricultura para terras não desbravadas e na proliferação dos *hommes-souris* mal alimentados.

Nesta linha de raciocínio somos levados logicamente a recolocar a questão pessimista de Malthus para a França do século XVIII. Para Morineau o aumento populacional então verificado e não acompanhado de progresso agrícola amplo levou à progressão da miséria, à pauperização da maioria da população.

O texto fundamental da obra termina na página 87. A seguir justapõem-se 300 páginas dos chamados *Anexos*. Estes são constituídos de documentos analisados e transcritos, de gráficos e tabelas, mas curiosamente de estudos monográficos aparentemente desligados do texto principal. (*Les comptes d'une métairie la chapinière en Bonchamps près Leval*, p. 233-274; *De la Vignerie de Grasse et autres lieux de la France du Midi*, p. 275-284; *La disjoiture du XVIIIe siècle français: économie et démographie*, p. 289-337). Este último estudo merece alguns comentários por estar melhor relacionado com o texto principal da obra.

Interessa ao Autor saber da correlação entre o crescimento demográfico francês, patente no século XVIII, com os rendimentos dos cereais. Teia havido oposição entre a variável — aumento populacional — com — diminuição do nível de vida das populações — levando ao impasse Malthusiano?

Na tentativa de responder a esta questão, ponto chave e controvertido para economistas e demógrafos da atualidade, Morineau sintetiza os resultados a que chegaram vários especialistas. E, convencido da validade da análise regional contra a das médias gerais nacionais, apresenta a população da França do século XVIII por “generalidade”. Seus dados de apoio são os censos e as estimações várias feitas na época (como as de Expilly, Necker, Des Pommelles e outras) já tantas vezes utilizadas pelos demógrafos.

A cautela em discutir, no texto, cada cifra utilizada acaba por torná-lo pesado, dificultando, ao leitor, o relacionamento dos resultados demográficos elementares (apenas taxas brutas vitais) das várias regiões.

No relacionamento que faz entre população e subsistência a primeira constatação que verifica é a de “deficits” crônicos,

“... l'existence inéluctable d'un processus de paupérisation accompagnant la croissance d'une population dont l'agriculture n'a pas le moyen de se transformer, de se transfigurer” (p. 322).

Apesar da presença de outros elementos equilibradores da população (importação de gêneros da Europa e colônias, desenvolvimento relativo do comércio inter-

-províncias, afluxo de metal nos centros urbanos “industriais”) o empobrecimento na França é patente, agravado pela estagnação relativa da produtividade agrícola.

Enfim,

“ni’révolution démographique’, ni’révolution agricole’... Un siècle disjoint... Mais disjoint de l’avenir, le XVIIIe siècle est conjoint au passé” (p. 334).

Historiador mais que demógrafo, Morineau não nos convence inteiramente, nas suas análises quantitativas, sobre a problemática da “Revolução Demográfica” em França do século XVIII. O maior mérito da obra é, sem dúvida, sua intenção iconoclasta das idéias facilmente aceitas. No caso, a desmistificação da existência de transformações amplas, “modernizadoras” — *demográficas e agrícolas* — da França setecentista.

Mas a análise demográfica sofisticada e mais profunda sobre a real dinâmica populacional francesa — como um todo — durante o século XVIII continua por ser feita. Sem dúvida alguma a resposta às questões sobre a “Revolução Demográfica” de França nos será brevemente oferecida com a publicação dos resultados da grande pesquisa empreendida pelo INED, e dirigida por Louis Henry, sobre a população francesa dos séculos XVII e XVIII (*).

MARIA LUIZA MARCÍLIO

* *
*

BEHRENS (Hedwig). — *Mechanicus Franz Dinnendahl (1775-1826) — Erbauer der ersten Dampfmaschinen an der Ruhr*. Koeln. Rheinisch-Westfaelisches Archiv. 1970. 579 págs..

O volume 22 da série *Schriften zur Rheinisch-Westfaelischen Wirtschaftsgeschichte*, com a costumeira impecável apresentação, surge como uma importante coletânea de documentos concernentes aos primórdios da industrialização alemã. A título de introdução, o prof. H. Kellenbenz nos proporciona uma visão da obra de Dinnendahl, situando-a no panorama da história européia sua contemporânea. As novidades técnicas postas em prática na Grã-Bretanha durante a segunda metade do século XVIII não tardaram em repercutir na Alemanha, levando Karl von Stein a visitar o país, já em 1784, quando Watt e Matthew Boulton construíam sua primeira máquina a vapor. Só em 1798, todavia, foi o primeiro engenho desta natureza, importado da Inglaterra, empregado na Alemanha. Logo depois, o regime

(*) — Artigos publicados constantemente na revista *Population* (Paris) e nos *Annales de Démographie Historique* nos informam sobre os métodos e avanços da pesquisa.